

XIV Jornal da Rede GESITI



Ministério da
Ciência e Tecnologia



ANO 2 – número XIV, ago.2009 - www.cti.gov.br - Brasil

Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI, <http://br.groups.yahoo.com/group/GESITI/> . Criado em 18.fev.2008. +1200 colaboradores.

Editorial

Caros amigos,

A Rede GESITI propõe a discussão, no sentido de ação ou processo de dizer sobre algo, particularmente no sentido de enriquecer uma decisão ou desenvolver idéias sobre Sistemas e Tecnologias de Informação e os aspectos humanos relacionados com o entendimento de como as pessoas procuram, obtêm, avaliam, compartilham, classificam e utilizam a informação.

A crise financeira motivou questões de gestão pública, possíveis soluções e o impacto para o mercado de trabalho e o seu desenvolvimento. Como não podia faltar, os aspectos sociotécnicos foram lembrados e postos como parte fundamental da solução aos questionamentos propostos.

As edições anteriores do Jornal GESITI estão disponíveis nos sites dos Colaboradores Institucionais. Lembramos que as mensagens inseridas neste Jornal (como nos anteriores), serão apagadas da Rede GESITI.

O conteúdo das mensagens é responsabilidade de seus respectivos autores.

Ótima Leitura!

Sergio Vieira Holtz Filho
editor *ad hoc*

Conteúdo

Editorial.....	1	Vontade de ser moderno a qualquer custo.....	6
Tema 1 – Sobre a crise financeira.....	2	O povo brasileiro, por Darcy Ribeiro	7
“O impacto da crise financeira na micro, pequena e média indústria”.....	2	O conceito de “modernidade” contém uma contradição básica.....	7
A especulação começou no EUA.....	2	Mudanças na organização do trabalho.....	8
Como se pode perder algo que não se tem?.....	3	Caminhar para as opções solo.....	8
"Golpe" no mercado financeiro.....	3	As opções solo podem resultar melhorias ao negócio.....	8
Reservas fracionadas.....	4	Outras mensagens.....	9
A perda de confiança na moeda.....	4	O problema é a ambição.....	9
A crise desencadeada por financistas.....	5	Cita participação em projeto de lei.....	12
"O Banqueiro do Pobres", por Mohammad Yunnus.....	5	Destaca que a Constituição deve assegurar o espaço humano e o equilíbrio sociotécnico.....	12
Pilares que disciplinam os riscos financeiros.....	5	Referências.....	13
Tema 2 – Aspectos sociotécnicos.....	6	Colaboradores institucionais.....	14
2009 o Ano Nacional da Gestão Pública.....	6		

XIV Jornal da Rede GESITI



Ministério da
Ciência e Tecnologia



ANO 2 – número XIV, ago.2009 - www.cti.gov.br - Brasil

Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI, <http://br.groups.yahoo.com/group/GESITI/> . Criado em 18.fev.2008. +1200 colaboradores.

Tema 1 – Sobre a crise financeira

“O impacto da crise financeira na micro, pequena e média indústria”

Por Antônio José Balloni

Da participação no Fórum realizado na FIESP: "O IMPACTO DA CRISE FINANCEIRA NA MICRO, PEQUENA E MÉDIA INDÚSTRIA", entre muitas informações interessantes, você sabia que:

1. Devido a crise, o mundo perdeu até agora cerca de 30 trilhões de dólares?
2. O Brasil cresceu nos últimos 20 anos cerca de 2% ao mês e nos últimos 4, 5%?
3. Que no Brasil 41 M de pessoas ultrapassaram a linha de pobreza nos últimos 4 anos?
4. Que a classe C no Brasil corresponde a 20 M de pessoas?
5. Que hoje a reserva brasileira é de ~200 B de dólares?
6. Que a crise financeira atinge a todos mas, principalmente, a P&M empresa? E não é pior pois a crise pegou o Brasil com boa estabilidade macroeconômica e sistema financeiro estável. Evidentemente, o Brasil apresenta maior resiliência mas, no entanto, não possui imunidade.
7. Que as P&M empresas o Brasil possuem faturamento anual entre 240K a 100M de reais? Cerca de 36000 P&M empresas se encontram na região metropolitana da cidade de São Paulo. Corresponde a 98% das empresas do Estado equivalendo a 2/3 dos empregos, 56% das carteiras assinadas e 20% do PIB de São Paulo.

É possível que no momento das anotações tenha cometido

algum erro. Sendo esse o caso, fica para interessado a correção.

Conteúdo acima para debate geral. Use sua criatividade e fomenta a rede.

Antônio José Balloni
gesiti@cti.gov.br

A especulação começou no EUA

Por Antônio José Balloni

A especulação, que começou no EUA, foi mais ou menos assim:

Imaginemos um norteamericano, desempregado, vestido de camiseta regata, morando em uma casa que está aos pedaços e, chega ai um corretor e oferece a ele um investimento, de longo prazo para ele reformar a casa. Em contra partida, a casa passa, por hipoteca, a pertencer ao corretor... (tudo simplificado a fim de que facilite a troca de idéia de forma simples: é feito empréstimo e assim vai). Bem! Assim, sucessivamente, o corretor constrói sua carteira - a famosa carteira. Passa o tempo e ele oferece a mesma para um interessado do Japão (por exemplo) e diz:

- Tenho um carteira de clientes, quer comprar?
- Sim. Quanto quer?
- US\$100M.
- Mas o que tem na carteira?
- Sei lá! Algo do mercado imobiliário e outros componentes.
- OK! Eu compro.

Bem, até tudo OK, especulações até o momento que alguém, UM CURIOSO, resolver abrir e ver o que tinha na sua carteira (comprada por uma nota). E viu.

E começou ai o terremoto: SE ninguém tivesse visto o

XIV Jornal da Rede GESITI



Ministério da
Ciência e Tecnologia



ANO 2 – número XIV, ago.2009 - www.cti.gov.br - Brasil

Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI, <http://br.groups.yahoo.com/group/GESITIs/>. Criado em 18.fev.2008. +1200 colaboradores.

conteúdo de cada carteira, nada da crise financeira teria acontecido. Ocorre, na realidade, que todos agora querem saber o que tem em sua carteira, e tem mais dinheiro colocado em algum lugar do que vale a carteira. Daí crise financeira.

Antônio José Balloni
gesiti@cti.gov.br

Dizer que o "mundo perdeu" é uma contradição, pois não foi todo mundo que perdeu. Ou seja, dizer que o mundo perdeu está errado, pois o dinheiro não foi (sem metáforas) queimado, rasgado, destruído ou coisa parecida. Além do mais, até onde eu sei, as moedas não se valorizaram, apesar de vários empregos terem sido destruídos. Interessante é observar que as moedas se valorizaram grupalmente: os desempregados sentem o alto valor da moeda (por que não a tem), mas o que tinham moeda em mãos conservaram em muito o seu poder de compra.

Marcus Vinicius Brandão Soares
mvbsoares@gmail.com

Como se pode perder algo que não se tem?

Por Marcus Vinicius Brandão Soares

Uma pequena provocação: como se pode perder algo que não se tem? Está escrito (*pag. 2*) que "devido a crise, o mundo perdeu até agora cerca de 30 trilhões de dólares". Pois bem, sem usar qualquer metáfora, se alguém perdeu, alguém ganhou; ou ninguém perdeu, ninguém ganhou e o dinheiro não existe e nunca existiu. Numa palavra: especulação.

Ou seja, foi sobra de esperteza: alguém perdeu, alguém ganhou, não?

Veja bem a frase: "devido à crise, o mundo perdeu até agora cerca de 30 trilhões de dólares"

O mundo não perdeu 30 trilhões de dólares. Se alguém ganhou e alguém perdeu, este dinheiro não sumiu. Apenas mudou de mãos. Ou seja, o mundo não perdeu todos os dólares por que o dinheiro está em algum lugar, neste caso, nas mãos de espertos.

Desde que o Frade Luca Paccioli inventou o método das partidas dobradas da Contabilidade, que eu saiba não há perda de dinheiro. Se ele saiu de algum lugar, tem que estar em algum outro lugar. Ou ele nunca existiu, ok?

E se esse dinheiro não existe, não seria mais fácil perdoar estas dívidas inexistentes? Sei que uma pergunta destas vai fazer os economistas de plantão quererem me bater, mas creio que é algo a ser pensado. Na minha opinião, esta crise é muito mais de poderes do que de qualquer outra coisa.

"Golpe" no mercado financeiro

Por Ricardo Yoshikawa

Os trinta trilhões de dólares representa a cadeia de valores criado a partir de um pseudo-investimento conhecido popularmente como "golpe" no mercado financeiro auxiliado muito por aqueles que se acham "espertos" e investiram maciçamente em títulos e valores sem conhecer o lastro dos títulos.

Talvez o objeto de investimento fora negociado sob a manta de favores políticos e pareceres de especialistas que manipulam o mercado de capitais. Com o tempo, esse negócio se expandiu e os valores se multiplicando, até que um dia, algum curioso resolveu dar uma olhada na natureza do crescimento desse tipo de investimento. E descobriu que o conteúdo do negócio era pura especulação - muitos alguéns imaginando que investiam em algo seguro. O negócio tinha crescido mais pela intenção de ganhar e esta intenção alimentando o funcionamento do sistema fraudulento em cadeia.

Como são valores criados pela ganância, o mundo não perdeu. Então, não é crise que fez o mundo "perder" trinta trilhões de dólares, mas a descoberta dessa fraude é que criou a crise. Todos aqueles que pagaram com a intenção de ganhar mais (sem ver o conteúdo da ciranda) é que perderam, mas em termos, pois esses investidores aplicam

XIV Jornal da Rede GESITI



Ministério da
Ciência e Tecnologia



ANO 2 – número XIV, ago.2009 - www.cti.gov.br - Brasil

Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI, <http://br.groups.yahoo.com/group/GESITI/> . Criado em 18.fev.2008. +1200 colaboradores.

o dinheiro que podem arriscar no mercado - não tem nada a perder. Mas, como bons capitalistas e mal perdedores, eles querem tudo para ganhar. Provocam a crise, para lucrar em cima do povo. A crise é um motivo sem contestação que se transfere para o lado menos privilegiado da sociedade que é a classe trabalhadora. Quem são os mais afetados pela crise? Capitalistas que não são. São as classes trabalhadoras. Porque os efeitos da crise são ocorrências como aumento da tributação, congelamento de salários, fechamento de fábricas, desemprego, precariedade de atendimento nos serviços públicos e assim por diante.

Eis a razão porque a quebra do sistema bancário não reflete diretamente, e é preciso que as lideranças selecionem aonde direcionar as "garimpagens" para manter ganhos que se esperavam com os investimentos feitos sobre algo que jamais existiu. Lucraram os mais espertos, mas os investidores não perderam, afinal conseguiram criar a crise. Irão perder mesmo é o povo que sustenta o sistema político e econômico da sociedade.

Sim, O Brasil cresceu mesmo, apresentando índices positivos em termos "per capita" e não em termos "para capita" - o agravamento da violência, da corrupção, da situação de penúria e o desmoronamento de valores morais e éticos de muitas lideranças. O que se busca é o poder e controle em todos os sentidos. A estatística nos mostra recordes de produção e arrecadação, mas não nos mostra a distribuição equitativa dos bens e serviços e muito menos o correspondente índice de desenvolvimento humano. Nós que somos MPM da economia, com certeza sentiremos isso, inclusive em crise de valores éticos.

Ricardo Yoshikawa
ricardoyoshikawa@yahoo.com.br

Reservas fracionadas

Por Marcos Assano

Na verdade, quase a totalidade deste dinheiro é virtual e só existe dentro dos computadores dos bancos.

Dinheiro pode ser criado a partir dos bancos centrais, e multiplicados virtualmente num esquema conhecido por "reservas fracionadas". Funciona bem quando a economia é crescente e estável. Quando ocorre um movimento brusco e negativo na economia, e todos necessitam do dinheiro de forma urgente, nota-se que ele não pode reaparecer repentinamente (ou talvez nunca!). Daí a crise.

Se alguém tiver curiosidade de saber como isto funciona, assistam ao documentário "Zeitgeist - Addendum" (continuação do primeiro "Zeitgeist, the Movie"). O filme mostra a real intenção dos grandes banqueiros internacionais (Federal Reserve & World Bank) e como eles atuam nos países em desenvolvimento.

Cada parte tem cerca de duas horas de duração. A descrição dos filmes pode ser vista no Wikipedia:

http://en.wikipedia.org/wiki/Zeitgeist,_the_Movie

Eles podem ser assistidos pelo do Google Video. Entrem na página oficial do filme:

<http://www.zeitgeistmovie.com/>

que contém os links (com legendas em diversos idiomas, Português/Brasil inclusive).

Marcos Assano
marcos_assano@uol.com.br

A perda de confiança na moeda

Por Marcus Vinicius Brandão Soares

A perda não é causada pela perda de moeda, mas pela perda de confiança na moeda, ok?

Quando uma fábrica fecha, o empresário dono da fábrica também perde, não? Então não só os chamados trabalhadores que perdem. Há que se analisar o problema ao longo de toda a cadeia produtiva. Se os custos de transação são altos, agora é a hora de baixá-los.

Por que haveria precariedade dos serviços públicos? Só se for pelo aumento da demanda. Mas esta demanda reprimida já existe e é noticiada diuturnamente pela

XIV Jornal da Rede GESITI



Ministério da
Ciência e Tecnologia



ANO 2 – número XIV, ago.2009 - www.cti.gov.br - Brasil

Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI, <http://br.groups.yahoo.com/group/GESITI/> . Criado em 18.fev.2008. +1200 colaboradores.

imprensa. Não é a "crise" que provocou isso.

Alguns investidores perderam, pois muitos deles investiram quantias não declaradas aos respectivos fiscos, logo, não há para quem recorrer. Perderam feio.

Os mais espertos também lucraram, pois se não há dinheiro, mas há mercadoria, a tendência é que o preço das mercadorias baixe para que haja compras, ou seja, o ganho que obtiveram acaba por se anular. Mais ainda: do que adianta ter um monte de dinheiro sem ter onde gastá-lo?

Quanto mais se busca o poder e o controle na sociedade atual, mais eles são perdidos. A tecnologia não é boa e não é má, mas também não é neutra. A mesma tecnologia que delata o otário também acaba por delatar o esperto.

Marcus Vinicius Brandão Soares
mvboares@gmail.com

A crise desencadeada por financistas

Por Paulo Resende

Há uma diferença entre dinheiro (cédulas e moedas) e crédito (que você chama de confiança). O crédito é baseado na expectativa de recebimento do dinheiro ou na expectativa de que você honre as suas dívidas.

A crise provavelmente foi desencadeada por financistas que constataram que o número de devedores que não honraram seus compromissos foi maior do que aquele estimado (todo negócio funciona com uma expectativa de inadimplência).

É um movimento defensivo, que não implica na destruição do papel moeda, como você mesmo observou.

Paulo Resende
presende@finep.gov.br

"O Banqueiro do Pobres", por Mohammad Yunnus

Por Marcus Vinicius Brandão Soares, que convida à leitura de "O Banqueiro do Pobres", por Mohammad Yunnus [N.E].

O Prof. Yunnus e seu Banco Grameen ganharam o Prêmio Nobel da Paz pela concessão de microcrédito para grupos de mulheres. A garantia dos empréstimos não era uma garantia real, mas confiança. E a taxa de retorno de pagamento ao Grameen era de 95 a 98 % ;-)

Marcus Vinicius Brandão
mvboares@gmail.com

Pilares que disciplinam os riscos financeiros

Por Marlene Carnevali

E por falar na crise que hoje atinge pequenas e médias empresas, em vários seguimentos de mercado, gerada no mercado financeiro dos Estados Unidos da América, deixa claro um ponto bem simples: Algumas instituições financeiras americanas ignoraram o acordo Basileia II, cujos pilares disciplinam os Riscos de Crédito, Riscos Operacionais e de Fraudes e acabou resultando num grande Risco de Mercado, que é disciplinado pelo terceiro pilar. O primeiro pilar ignorado pelos Bancos, provocou um risco de mercado tão abrangente, que afetou bolsas do mundo inteiro, emprego no mercado financeiro e abalou a confiança no setor bancário.

Primeiro Pilar: "Capital Mínimo Requerido"

Segundo Pilar: "Revisão no Processo de Supervisão"

Terceiro Pilar: "Disciplina de Mercado".

O que os colegas pensam a respeito?

Adm Marlene Carnevali
mcarnevalibr@yahoo.com.br
PMP, PMI-RMP
PMI Risk Management SIG Member

XIV Jornal da Rede GESITI



Ministério da
Ciência e Tecnologia



ANO 2 – número XIV, ago.2009 - www.cti.gov.br - Brasil

Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI, <http://br.groups.yahoo.com/group/GESITIS/> . Criado em 18.fev.2008. +1200 colaboradores.

Tema 2 – Aspectos sociotécnicos

2009 o Ano Nacional da Gestão Pública

Por Marcus Vinicius Brandão Soares

Do site do Ministério do Planejamento:

"Brasília, 30/4/2009 – O ministro do Planejamento, Paulo Bernardo, afirmou hoje que o Fórum Nacional de Gestão Pública e a definição de 2009 como o Ano Nacional da Gestão Pública são tentativas de agregar movimentos já existentes em defesa da melhoria das atividades do setor público. Segundo o ministro, a idéia é obter o mesmo nível de modernização de setores da iniciativa privada."

A pergunta (pequena provocação) é a seguinte: e quando os servidores tentam ajudar, mas não são ouvidos pela própria Administração Pública? Será que a modernização tem fontes determinadas, o que representa, nas palavras de Bruno Latour, um Grande Divisor ?

Marcus Vinicius Brandão Soares
mvbsoares@gmail.com

Vontade de ser moderno a qualquer custo

Por Raoni Guerra Lucas Rajão

Uma das características da máquina pública que manifesta todos os "sítios" da pesquisa de PhD sobre o sistema de monitoramento por satélite e a proteção ambiental da Amazônia (IBAMA, SEMA-MT, MMA), é esta vontade avassaladora de ser moderno a qualquer custo. A arquitetura completamente antitropical nossa própria capital (a base do vidro e ar condicionado), que se

desvincula violentamente da nossa arquitetural tradicional (Freyre, 1968), é talvez um dos sinais mais claros de que a modernização (ou a vontade de ser moderno) já virou uma tradição brasileira (Ortiz, 1991). Voltando a Latour, acredito que ele seja um dos principais autores para entender a questão da modernidade. Em particular a sua noção de modernidade como grande divisora, ou purificadora é particularmente interessante. Ainda mais porque Latour argumenta que esta divisão/purificação é incompleta e por isto mesmo, nunca fomos modernos (Latour, 1993).

Mudando um pouco a questão colocada pelo Marcus, porque será que o brasileiro (e o setor público brasileiro) sempre se sente inadequado, antiquando, antimoderno, mesmo depois de várias décadas de intenso movimento modernizador (que talvez remonte ao modernismo nas artes da década de 1920'). Será que esta sensação de ser incompleto não é algo inerente da modernidade por si só como disse Latour?

Quem sabe o alto escalão não ouve as tendências modernizadoras dos servidores "debaixo" exatamente por causa desta raiz "tradicional" brasileira, que remonta ao período escravocrata e que insiste em viver entre nós?

Mas por outro lado, será que é saudável este modernismo exagerado que ao mesmo tempo que nos abre novas possibilidades fantásticas, também insistem em apagar as raízes do Brasil, julgando tudo que é tradicional, personalista, indígena, negro, ibérico como inadequado para a vida no século 21? Pois não podemos nos esquecer que a modernização (como é entendida hoje) é também uma forma de Americanização, e como tal de imperialismo cultural!

Raoni Guerra Lucas Rajão - Doctoral Researcher
Department of Organisation, Work and Technology
Lancaster University Management School
r.guerralucasrajao@lancaster.ac.uk

XIV Jornal da Rede GESITI



Ministério da
Ciência e Tecnologia



ANO 2 – número XIV, ago.2009 - www.cti.gov.br - Brasil

Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI, <http://br.groups.yahoo.com/group/GESITIS/>. Criado em 18.fev.2008. +1200 colaboradores.

O povo brasileiro, por Darcy Ribeiro

Por Profa Rosângela Lopes Lima

De O Povo Brasileiro de Darcy Ribeiro:

"Nada é mais continuado, tampouco é tão permanente, ao longo destes cinco séculos, do que essa classe dirigente exógena e infiel a seu povo. No afã de gastar gentes e matas, bichos e coisas para lucrar, acabam com as florestas mais portentosas da terra. Desmontam morrarias incomensuráveis, na busca de minerais. Erodem e arrasam terras sem conta. Gastam gente, aos milhões. Tudo, nos séculos, transformou-se incessantemente. Só ela, a classe dirigente, permaneceu igual a si mesma, exercendo sua interminável hegemonia. Senhorios velhos se sucedem em senhorios novos, super-homogêneos e solidários entre si, numa férrea união super armada e a tudo predisposta para manter o povo gemendo e produzindo. Não o que querem e precisam, mas o que lhes mandam produzir, na forma que impõem, indiferentes a seu destino."

Como ser inovador, agente de mudança com esse peso secular nas costas dos brasileiros? Esta é a questão que fica.

Profa Rosângela Lopes Lima
rosangela.lima@gmail.com
Instituto de Computação
Universidade Federal Fluminense

O conceito de "modernidade" contém uma contradição básica

Por Nilson Laage

Modernidade - verdadeira? - quais medidas poderiam ser tomadas?

O conceito de "modernidade" contém, entre outras, uma

contradição básica: por um lado, a noção de progresso científico conduzindo ao avanço exponencial da tecnologia e da inovação – a “nossa” modernidade; por outro, a também crescente “modernidade” que procura conter, item por item, esse avanço; como não se pode separar inteiramente TI do marketing das corporações e, nestas, frequentemente, a ganância é tida como virtude, essa modernidade alternativa às vezes têm razão – mas não é o que geralmente ocorre.

Uma onda que se diz progressista – financiada em parte por instituições partidárias, empresariais e religiosas que manipulam verbas resultantes da renúncia fiscal dos governos no mundo global – opõe-se a toda e qualquer produção tecnológica, da transgenia à clonagem, da Internet ao celular, do manuseio infanto-juvenil de computadores ao ensino à distância, das usinas hidrelétricas à energia nuclear, do ciclamoto ao aspartame, da agricultura extensiva à irrigação, etc.

Muitos cientistas sociais, educadores, publicistas, advogados e ecologistas amadores discorrem com militância apaixonada. Seus argumentos residem no reino das metáforas e se apóiam na ambigüidade essencial das línguas naturais, de itens léxicos como “nação” (étnica, territorial), “verdade” (quanto a esta, leiam “Sobre o conceito de verdade”, de Martin Heidegger), “participação” (tomar parte ou ser participado), “democracia”, etc – quando não recorrem a palavras que nada significam como “raça”.

Com artes de vendedores e domínio das rotinas midiáticas – coisas exatamente que mais faltam aos cientistas “do lado de cá” – assumem tal poder de retaliação que constroem um mundo que se encaixa na máxima do lógico Ludwig Wittgenstein (Tratado Lógico-Filosófico) no qual, em tradução livre, “tudo que merece ser dito não pode ser dito”. (Witgenstein viveu a juventude na Viena do decadente Império Austro-Húngaro, sob domínio do imperialismo inglês).

Quanto ao setor público, navega entre essas contradições e discursos oportunistas, permitindo, às vezes, que aflore a inteligência dos escalões subalternos.

Em sociedades nas quais a opinião pública tem poder decisório, a falta de informação pode ser apontada como causa de parte da resistência atual ao avanço da tecnologia e de seus produtos. A par de o ensino

XIV Jornal da Rede GESITI



Ministério da
Ciência e Tecnologia



ANO 2 – número XIV, ago.2009 - www.cti.gov.br - Brasil

Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI, <http://br.groups.yahoo.com/group/GESITI/> . Criado em 18.fev.2008. +1200 colaboradores.

fundamental reportar-se quase sempre à ciência do século XIX, a acumulação de novos conceitos e produtos é rápida demais para que baste a formação escolar ou acadêmica, por melhor que seja, em qualquer área de conhecimento.

1. Seria o caso de se generalizar um processo periódico de programas de atualização, com unidades gerais (ensino à distância?) e outras especializadas conforme a área de atuação, no âmbito das corporações? Que outras medidas poderiam ser tomadas?
2. Em suma, podem os que se empenham em CT&I eleger a “sua” modernidade como capaz de se afirmar por si só como a verdadeira?

Nilson Lage

lage@floripa.com.br

Professor da Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC

Mudanças na organização do trabalho

Por Sergio Vieira Holtz Filho

Walton (1994) cita investigações realizada em cinco empresas por pesquisadores associados ao Massachusetts Institute of Technology (MIT), para determinar se o uso da tecnologia proporcionava aumento de produtividade nas empresas, chegou-se à conclusão que as empresas que obtiveram melhores desempenhos foram as que tinham tecnologia associada a profundas mudanças na organização do trabalho.

No tocante a mudança na organização do trabalho, Drucker (1995) observou que por mais de cem anos, todos os países desenvolvidos estavam se movendo firmemente na direção de uma sociedade de funcionários de organizações. Agora, cada vez mais pessoas trabalham de fato para organizações, mas cada vez menos elas são funcionárias dessas organizações. Forças tarefas podem agora ser montadas, para atingir um objetivo específico e depois desmontadas: são as Organizações Virtuais, afirma

Laudon (2006). Essas organizações podem fazer alianças com fornecedores, clientes e até mesmo com os competidores mas uma questão surge:

Como será avaliado o desempenho de alguém que está constantemente mudando de um grupo para outro grupo?

Outras, em consequência desta:

Como alguém pode saber como a sua carreira está sendo gerenciada nesta organização?

Quem decide quem trabalha em qual time e por quanto tempo?

Sergio Vieira Holtz Filho

sholtz@mh.etc.br

empresário

Caminhar para as opções solo

Por Jarlei

Parece que cada vez mais vamos caminhar para as opções solo, mesmo estando em uma Empresa. Não será isto mesmo que as Empresas querem? Alguém com o espírito empreendedor, dentro da Organização, tratando aquele pedaço onde trabalha como se fosse seu - pelo maior tempo possível. Se neste tempo puder propor e efetivar melhorias no Negócio, ótimo! Se for bom para ambos, melhor ainda!

Talvez estejamos caminhando, em um certo nível de profissional, para tratar internamente as pessoas com Consultores internos.

Jarlei

jarlein@hotmail.com

XIV Jornal da Rede GESITI



Ministério da
Ciência e Tecnologia



ANO 2 – número XIV, ago.2009 - www.cti.gov.br - Brasil

Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI, <http://br.groups.yahoo.com/group/GESITIS/> . Criado em 18.fev.2008. +1200 colaboradores.

As opções solo podem resultar melhorias ao negócio

Por Sergio Vieira Holtz Filho

O espírito empreendedor é cantado em versos e prosa, estimulado e cultivado por grandes e pequenas empresas para todos os níveis da organização. Talvez pela necessidade constante de inovação, porque sabemos que "duas cabeças pensam melhor do que uma", as respostas a estas necessidades já não podem ser obtidas a partir dos paradigmas de "funcionários de organização".

As opções solo, se privilegiam as virtudes individuais, podem resultar melhorias efetivas ao negócio quando for bom para ambos. Respeitadas as individualidades, a coletividade, o trabalho em grupo, o objetivo comum fazem a razão das organizações. Daí que a gestão da carreira é responsabilidade do indivíduo, e sua aceitação pelo grupo acontece em função do exercício da utilidade.

Segundo Holtz (1997), consultoria não é uma profissão mas sim uma forma de prestação de serviços, portanto demanda uma especialidade, o domínio de certa habilidade funcional e útil, o que durante alguns anos se chamou de profissão. As relações de trabalho tem mudado significativamente desde oferecer serviços até negociar honorários, e de várias formas temos assistido a terceirização e a virtualização em diversos níveis da organização. O desempenho é avaliado pelo resultado do processo.

Esse "novo" sistema, por assim dizer, já vem sendo praticado nas cooperativas e outras formas associativas, e é adotado por algumas empresas comerciais. Um exemplo, já clássico, é a empresa Semco, hoje Grupo Semco, que, segundo Semler (1988), experimenta um novo paradigma e continuará experimentando. Marcada pela inovação, não segue os padrões de outras empresas, com hierarquia pré-definida e formalidades excessivas.

"Na Semco trabalha-se com bastante liberdade, sem formalidades e com muito respeito. Todos são tratados como iguais, desde os altos executivos até pessoas de cargos mais baixos. Com isso, o trabalho de cada um recebe sua verdadeira importância e todos trabalham mais felizes" (Semler, 2006).

Apesar da polêmica, ninguém pode dizer que não funciona depois de 20 anos.

Finalmente, no desenvolvimento das TI podemos encontrar muitos exemplos de mudança na organização do trabalho, e de sinergia. É inegável, e vale ressaltar, a contribuição singular dos jogos eletrônicos que envolve a participação ativa dos usuários, dos desenvolvedores e dos meios em que é apoiado (hardware), portanto, é um bom exemplo da aplicação da teoria sociotécnica (Scacchi, W. (2003)). Um outro exemplo atual na mudança da organização do trabalho é a utilização da Internet no desenvolvimento de inovações tecnológicas e sociais: o fenômeno das redes de relacionamento (Facebook, Orkut, MySpace, LinkedIn, etc.), as mensagens instantâneas (Skype, MSN, ICQ), e as redes, como a Rede GESITI (Gestão de Sistemas e Tecnologias de Informação aplicado em Organizações), que abrange o estudo inter e multidisciplinar dos Sistemas e Tecnologias de Informação e os aspectos humanos relacionados com o entendimento de como as pessoas procuram, obtêm, avaliam, compartilham, classificam e utilizam a informação (GESITI, 2008).

Sergio Vieira Holtz Filho
sholtz@mh.etc.br

Outras mensagens

O problema é a ambição

Por Aloisio Gomes da Silveira, citando Revista Época.

Um dos principais pensadores da ética econômica no Brasil, Marcos Fernandes, professor da FGV, responde às duas perguntas cruciais desta crise: que falha moral nos trouxe até aqui? E como sairemos desta?

Maior crash financeiro desde a Crise de 1929, o colapso atual surgiu numa época em que a regulação do mercado

XIV Jornal da Rede GESITI



Ministério da
Ciência e Tecnologia



ANO 2 – número XIV, ago.2009 - www.cti.gov.br - Brasil

Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI, <http://br.groups.yahoo.com/group/GESITIS/> . Criado em 18.fev.2008. +1200 colaboradores.

quase deixou de existir. O crash nasceu na era Reagan/Thatcher e manifestou-se nas crises dos emergentes, até atingir os investidores de Wall Street. Dezoito anos após ser concebido, o mercado auto-regulamentado hoje produz milhões de desempregados em dezenas de países e demanda trilhões em pacotes de salvamento. “O problema é que esse ambiente legitimou a ganância. E a ganância é destrutiva no longo prazo”, diz Marcos Fernandes, professor da FGV.

Época NEGÓCIOS - Que tempo era esse que estávamos vivendo até o estouro da bolha hipotecária nos Estados Unidos, quando um sujeito como Bernard Madoff podia enganar de estrelas de Hollywood a executivos em postos de comando nas empresas, fosse nos EUA, no Brasil ou na França?

Marcos Fernandes - Com o fim da Guerra Fria e a queda do Muro de Berlim, todo um arranjo financeiro internacional mudou de função. Desde Bretton Woods [nome dado a um acordo de 1944 que estabeleceu as regras para relações comerciais e financeiras entre as principais economias internacionais], de uma forma ou de outra, as instituições do sistema financeiro funcionaram para domesticar o capitalismo. Seja do ponto de vista das políticas sociais dos países ricos, seja do ponto de vista da atuação dos governos no sentido de atenuar os impactos dos ciclos econômicos. Havia uma razão muito clara: a ameaça soviética, o medo de expansão do comunismo principalmente na Europa. O fim desse período da Guerra Fria é antecedido, a bem da verdade, por períodos de estagnação, quer dizer estagnação e inflação, na Europa, por um problema associado ao peso excessivo do estado de bem estar social nas economias européias principalmente. São feitas as reformas neoliberais a partir dos anos 80, com Margareth Thatcher na Inglaterra e Reagan nos Estados Unidos. Num certo sentido foram reformas bem-sucedidas. Mas acontece que, com o fim da Guerra Fria, você não tinha mais um inimigo externo, o comunismo. Construiu-se um consenso, portanto, a partir do primeiro governo Clinton, segundo o qual a hegemonia americana passa a ser exercida por meio da democratização do mundo, da liberalização comercial e da liberalização financeira. A liberalização financeira permitiria fluxo de capitais de países ricos para países pobres, aumentando sua taxa de crescimento. A difusão da democracia geraria estabilidade política e, portanto, caminharíamos para um mundo mais próspero. Todavia,

já nos anos 90, aparecem alguns sinais de que o sistema internacional não consegue criar uma governança adequada, tanto do ponto de vista do sistema financeiro como do ponto de vista do sistema de comércio. As negociações da OMC são extremamente difíceis e complicadas. As crises econômicas que inicialmente atacam países emergentes eram sintomas, ainda que na periferia do capitalismo, de que alguma coisa estava errada. Essa liberalização financeira criou muita instabilidade. Porque os mercados financeiros são imperfeitos, porque os fundamentos macroeconômicos dos países em desenvolvimento não melhoram da noite para o dia. O problema é que por detrás desse consenso vendeu-se literalmente a ideia de que os mercados se auto-regulavam. Principalmente os economistas acadêmicos, muitos deles poucos afeitos à vida real, começaram a desenvolver modelos elegantes e sofisticados para explicar um mundo que não existe. Por mais incrível que possa parecer, isso realmente aconteceu. Houve um superinvestimento de recursos intelectuais na academia norte-americana principalmente, e os economistas começaram a bolar modelos sobre o funcionamento do mercado que eu chamaria de parnasianos. Porque tudo o que os economistas diziam sobre o mercado não se referia ao mercado de carne e osso. A essência do mercado é, em certo sentido, lidar com imperfeições. Só que o mercado não se auto-regula. Muito menos o mercado financeiro, onde há uma tendência natural, em momentos de boom e de expansão econômica, ao aparecimento de bolhas especulativas. A história econômica do capitalismo mostra que quando você tem um crescimento exacerbado você pode ter valorização excessiva de imóveis, pode aparecer aquilo que os economistas chamam de expectativas exuberantes, crenças mais ou menos irracionais sobre o futuro da economia e sobre a prosperidade.

EN - O senhor afirmou recentemente que a ganância foi a motivadora da bolha hipotecária e que a especulação dos últimos anos derrubou instituições criadas para emprestar princípios éticos ao capitalismo. Por que isso aconteceu?

Fernandes - Acompanhando essa crença que foi difundida a partir da academia, de que os mercados financeiros se auto-regulavam, criou-se um espaço enorme para que algo ruim do capitalismo, que é a ganância, substituísse a ambição. Eu explico. A ambição é a busca pela inovação tecnológica, pelo reconhecimento social e pela fortuna,

XIV Jornal da Rede GESITI



Ministério da
Ciência e Tecnologia



ANO 2 – número XIV, ago.2009 - www.cti.gov.br - Brasil

Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI, <http://br.groups.yahoo.com/group/GESITIS/> . Criado em 18.fev.2008. +1200 colaboradores.

financeira que seja, que um inovador perscruta durante a vida. A ambição é um motor não só do capitalismo, ela explica várias conquistas humanas. O capitalismo não é intrinsecamente imoral. Não é. É claro que o capitalismo evolui assim como os valores morais evoluem. Só que o capitalismo demora mais, porque o auto-interesse das corporações e até dos consumidores muitas vezes faz com que eles demorem a tomar decisões que vão ser julgadas depois como moralmente acertadas. Por exemplo, a questão ambiental. A mudança no comportamento dos consumidores é que vai fazer com que as empresas mudem. A mudança no comportamento de acionistas é que pode fazer com que as empresas mudem. Porque a empresa busca lucro. Se acionistas e principalmente consumidores virem valor, no sentido econômico do termo, em marcas e empresas que preservam o meio ambiente as empresas mudarão seu comportamento. Isso vale para questões sociais também. O problema é que se instalou um estado de anomia, de ausência de regras e de valores.

EN - Por que os bônus milionários pagos pelos bancos viraram uma espécie de símbolo de comportamento antiético?

Fernandes - Porque os valores das bonificações no mercado financeiro passaram a ser pornográficos. Até mesmo em empresas que não eram do setor financeiro, a desigualdade de remuneração do top management frente ao resto da administração aumentou nos últimos anos. Toda essa crise moral do capitalismo já apresentava sinais claros de que havia algo de errado a partir dos escândalos nos balanços das empresas americanas. Não era uma maçã podre ou duas maçãs podres. Havia uma quitanda de maçãs podres na economia americana. Enron e outras tantas. O problema é que esse ambiente legitimou a ganância. E a ganância é destrutiva no longo prazo. A ideia segundo a qual o mercado é o local onde as pessoas movidas pelo irrestrito auto-interesse geram benefícios coletivos para a sociedade, o que não é verdade. Essa ideologia, sancionada pelas universidades, pelos departamentos de economia, principalmente nos Estados Unidos, e divulgada pelos meios de comunicação, construiu um consenso segundo o qual o governo não teria nenhum papel na coordenação dos sistemas bancários domésticos e internacionais.

EN - O senhor já disse que a Califórnia consumir 20% da

gasolina global é uma atitude sem ética. Que ética se pode exigir do consumidor?

Fernandes - A questão é que o consumidor sempre vai pensar em duas coisas: custo e benefício. Aliás, qualquer agente econômico sempre vai pensar em termos de custo e benefício. Se os consumidores passam a atribuir valor em você ter para gerações futuras alguma sustentabilidade ambiental, ou se os consumidores começam a atribuir algum valor subjetivo a comprar produtos que são produzidos de forma socialmente aceitável, eles agem como eleitores. E as empresas, por outro lado, buscando pela competição aumentar o market share, atrair e manter os consumidores, vão adotar políticas de sustentabilidade ambiental e social exatamente porque elas passam a perceber que os consumidores estão mudando. A questão é a seguinte: só se os consumidores mudarem as empresas vão mudar. No mercado financeiro temos um bom exemplo. Nos anos 90 apareceram os chamados fundos éticos de investimento, onde você tem carteiras de ações de empresas cujo perfil de atuação no mercado, cujo balanço social, cujo perfil de atuação social e ambiental são claros, transparentes e explícitos para o público em geral. As pessoas muitas vezes querem investir em ações de empresas que elas acham que têm uma conduta adequada perante o ambiente, a comunidade e a sociedade como um todo. Muitos desses fundos são muito rentáveis.

EN - Que tempo estamos vivendo hoje, no meio desta crise? O desespero econômico aumenta a distância entre a economia e a ética? Ou diminui?

Fernandes - A situação é muito complicada, porque há uma tendência ao protecionismo, ao recrudescimento do nacionalismo. Há uma tendência ao aparecimento de racismo. E toda vez na história contemporânea em que se observa um fechamento dos estados-nação em si, você gera naturalmente maior instabilidade e atrito entre eles. Riscos de conflitos diplomáticos e até de conflitos militares são amplificados numa situação como esta. Então, do ponto de vista moral nós temos um problema, porque a ética e a moral têm a ver com fazer o bem e não com fazer o mal. A ética econômica tem a ver com a seguinte pergunta: como levar benefícios para as sociedades? Seja em termos de bens e serviços, portanto produtos, mas também em termos de liberdades. Liberdades individuais, políticas e de escolha em geral. Então nós temos aí um problema, porque o aparecimento

XIV Jornal da Rede GESITI



Ministério da
Ciência e Tecnologia



ANO 2 – número XIV, ago.2009 - www.cti.gov.br - Brasil

Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI, <http://br.groups.yahoo.com/group/GESITIS/> . Criado em 18.fev.2008. +1200 colaboradores.

de conflitos, do racismo e de nacionalismos pode representar um retrocesso no processo de integração que estava ocorrendo até hoje no mundo. Mas há evidências de que esta questão da dimensão moral da crise está sendo levada em questão. O discurso do presidente Obama na sua posse toca neste assunto. A atitude do governo Obama em relação aos bônus da AIG vai nesta direção. Economistas da estatura de [Joseph] Stiglitz e [Paul] Krugman vão nesta direção. Há uma percepção de que houve abusos. A crise pode ter conseqüências em termos de uma mudança sobre como nós pensamos o capitalismo (Época Negócios, 15/04/09)

Aloisio Gomes da Silveira
aloisio@tecnopon.com.br

Cita participação em projeto de lei

Por Luiz Antônio de Souza Silva

Trata-se de projeto de lei elaborado com participação do signatário, encaminhado para alguns Parlamentares.

"...Estabelece o direito de ser atendido por pessoas humanas nos estabelecimentos bancários ou em local onde instalado equipamento de auto-atendimento bancário..."

Luiz Antônio de Souza Silva
lussilva@terra.com.br

Destaca que a Constituição deve assegurar o espaço humano e o equilíbrio sociotécnico

Por Ricardo Yoshikawa

... a Constituição deve assegurar o espaço humano e o equilíbrio sociotécnico. Na prática, os bancos que já lucram demais, colocam máquinas no atendimento sem consultar os usuários e disponibilizam suporte telefônico com "digite número tal" ignorando que as máquinas também falham. Hoje, em cada cinco caixas eletrônicos, pelo menos um está "em manutenção", um não consegue ler o código de barras, outro é exclusivamente para depósitos e finalmente temos aquele destinado para pessoas portadores de necessidades especiais.

Isto sem contar que existem sempre alguns usuários que demoram mais na máquina.

Ricardo Yoshikawa
ricardoyoshikawa@yahoo.com.br

XIV Jornal da Rede GESITI



Ministério da
Ciência e Tecnologia



ANO 2 – número XIV, ago.2009 - www.cti.gov.br - Brasil

Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI, <http://br.groups.yahoo.com/group/GESITIs/> . Criado em 18.fev.2008. +1200 colaboradores.

Referências

Sugerida pelos participantes

- Drucker, P. F. (1995). Administrando em tempos de grandes mudanças. Tradução Nivaldo Montingelli Jr.; supervisão técnica Líliliana Guazelli. São Paulo: Pioneira.
- Freyre, Gilberto (1968) Brasília, Brasil, Brasília
- GESITI (2008). Rede GESITI - Sistemas e Tecnologias de Informação Aplicados à Gestão em Organizações. Disponível em: <<http://br.groups.yahoo.com/group/GESITIs/>> Acesso em: 01/06/2009.
- Holtz, H. (1997). Como Ser um Consultor Independente de Sucesso. Tradução de Beatriz Vogel. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Laudon, K. C. & Laudon, J. P (2006). Management Information Systems: Managing the Digital-Firm. 9/e. New Jersey: Prentice Hall.
- Latour, Bruno (1993) We Have Never Been Modern
- Ortiz, Renato (1991) Cultura e Modernidade. São Paulo: Brasiliense
- Scacchi, W. (2003). Socio-Technical Design. Institute for Software Reserach - School of Information and Computer Science - University of California. Irvine, CA, USA. Disponível em: <<http://www.ics.uci.edu/~wscacchi/Papers/SE-Encyc/Socio-Technical-Design.pdf>>. Acesso em: 13/05/2008.
- Semler, R. (1988). Virando a própria mesa. São Paulo: Beste Seller.
- Semler, R. (2006). Você está louco! Uma vida administrada de outra forma. Rio de Janeiro: Rocco.
- Walton, R. E. (1976). Tecnologia de informação: o uso de TI pelas empresas que obtêm vantagem competitiva. São Paulo: Atlas.

XIV Jornal da Rede GESITI

GESITI



Ministério da
Ciência e Tecnologia



ANO 2 – número XIV, ago.2009 - www.cti.gov.br - Brasil

Editado pela Rede GESITI DTSD/CTI, <http://br.groups.yahoo.com/group/GESITI/> . Criado em 18.fev.2008. +1200 colaboradores.

Colaboradores institucionais



Ciência e Técnica Administrativa



Universidade Federal de Santa Catarina



Universidade Estadual de Ponta Grossa



Latin American Technological Information Network



Journal of Information System and Technology Management



HOLTZ



GESITI



Ministério da
Ciência e Tecnologia



[GESITI](http://www.gesiti.org.br)

[CTI](http://www.cti.gov.br)

[MCT](http://www.mct.gov.br)